



Na Mídia

31/03/2024 | [Valor Econômico](#)

Painel solar gera embate com concessionárias

Distribuidoras afirmam que repasse de excedente esbarra em limitações técnicas

Vinicius Konchinski

Limite

Empresas campeãs em restrições para painéis solares

Distribuidora	Local de atuação	Motivo alegado	Prejuízos reportados
Cemig	Minas Gerais	Inversão de fluxo de potência	Empresas e consumidores impedidos de gerar energia própria
CPFL Paulista	Interior de São Paulo	Rede sobrecarregada	Investimentos paralisados e perda de empregos
RGE (CPFL Energia)	Rio Grande do Sul	Gargalos na rede	Risco de descontinuidade no mercado solar
Neoenergia Coelba	Bahia	Infraestrutura insuficiente	Impacto negativo na economia local
Neoenergia Elektro	São Paulo e Mato Grosso do Sul	Limitações operacionais	Redução na expansão da geração distribuída

Fonte: Associação Brasileira de Geração Distribuída

O crescimento da geração de energia fotovoltaica tem sido acompanhado pela maior dificuldade de consumidores para ligar painéis solares à rede elétrica. A Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar) e a Associação Brasileira de Geração Distribuída (ABGD) reclamam das concessionárias de distribuição. A Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee) alega limitações técnicas.

Por lei, clientes têm direito de conectar seu sistema de geração fotovoltaica à rede de distribuição para inserir nela o excedente não consumido, desde que cumpridos requisitos informados pelas distribuidoras. O excedente vira crédito na conta de luz, o que aumenta o retorno de investimentos em energia solar. Sem a conexão, porém, parte desses investimentos não se viabiliza.

A Absolar afirma que, desde 2023, a falta dessa conexão gerou cerca de R\$ 10 bilhões em prejuízos a empresas que deixam de vender painéis e consumidores que perdem a chance de economizar na conta. Há dificuldades, como negação de pedidos e solicitações de redução do tamanho dos projetos solares, em 19 das 27 unidades da federação, aponta. A ABGD diz os empecilhos são maiores para clientes da Cemig, em Minas Gerais, da CPFL, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, e da Neoenergia, na Bahia, no Mato Grosso do Sul e no interior paulista. Todas dizem seguir as normas em vigor.

Rodrigo Sauaia, presidente executivo da Absolar, conta que as negativas se tornaram mais frequentes a partir da sanção da Lei 14.300, em 2022, que fixou regras para mini e micro projetos de geração distribuída (GD), suficientes para abastecer algumas residências, uma pequena indústria ou um mercado. A lei definiu que conexões solicitadas até janeiro de 2023 poderiam injetar energia na rede elétrica sem pagar taxas para uso do sistema até 2045. Projetos posteriores devem arcar com alguns custos para transformar a geração excedente em crédito.

O prazo gerou uma corrida por painéis, e as negativas aos pedidos de conexão viraram um padrão, afirma Sauaia. “Tudo causa ‘inversão de fluxo de potência’”, reclama. “O cliente perdeu o direito de economizar gerando energia de forma sustentável.” Essa inversão de fluxo de potência ocorre, basicamente, quando geradores inserem mais eletricidade do que o sistema é capaz de receber. A questão é passível de solução quando o projeto é adaptado às exigências técnicas das distribuidoras, como a redução de potência. O problema, segundo Sauaia, é que nem sempre as exigências são claras ou claras. “A negativa é feita de forma genérica, o que impossibilita o cliente de adaptar seu sistema”.

Marcos Madureira, presidente da Abradee, refuta que as distribuidoras neguem a conexão sem detalhar os motivos. Ele reconhece, porém, que está mais difícil ligar painéis à rede em função de limites para acomodar projetos de GD. “É como se fosse um tubo d’água. Se você quer passar água no tubo, precisa de um tubo mais largo”, compara.

Em outubro de 2022, três meses antes do fim do prazo fixado pela Lei 14.300, o Brasil tinha 15,7 gigawatts de potência instalada em 791 mil pontos de GD e 1,2 milhão de clientes usufruindo seus créditos na conta de luz, segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Hoje, já são 37,8 GW, 3,3 milhões de pontos de geração e 5 milhões de clientes usando créditos - o que, segundo Madureira, comprova que as distribuidoras estão trabalhando diligentemente para conectar esses sistemas.

O executivo lembra que, de outubro de 2022 a janeiro de 2023, 40 GW em projetos fotovoltaicos solicitaram conexão, dos quais metade não foram adicionados por falta de capacidade. “Minas Gerais está com sua rede saturada”, diz Madureira. “Os primeiros projetos de geração distribuída foram conectados. Hoje, é preciso que o cliente arque com melhorias

O custo dessas melhorias varia segundo cada projeto. Painéis e outros equipamentos podem custar de R\$ 10 mil a R\$ 15 mil, para residências, e até R\$ 15 milhões para geração de energia remota em áreas rurais. Segundo Sauaia, há casos em que as exigências para conexão superaram o investimento realizado.

O presidente da Abradee afirma ainda que clientes residenciais têm painéis conectados à rede quase que automaticamente em 80% dos casos. Já Mara Schwengber, presidente da Solled Energia, que atua principalmente no Rio Grande do Sul, diz que cerca de 70% dos consumidores que procuram sua empresa para gerar energia fotovoltaica têm a conexão negada, o que a levou a reduzir o quadro de pessoal de cerca de 200 para 120 funcionários.

Mais de 850 mil sistemas de geração solar foram instalados em 2024 no país

Schwengber e Absolar destacam que a dificuldade é maior para projetos em áreas rurais, realizados por grupo de pessoas ou empresas para uso do excedente de energia como créditos em diferentes endereços. “Mais de 90% dos casos são negados”, acrescenta a executiva. “Conseguir conectar é como ganhar na loteria.” Rosi Costa Barros, advogada especializada em energia e recursos naturais do escritório Demarest, confirma que projetos de GD remota são os mais afetados.

A Cemig informou ao Valor que é a concessionária com a maior quantidade de clientes de GD conectados. São mais de 316 mil unidades de geração (9,4% do total no país), com potência instalada de 4,3 GW (11,3% de market share), gerando créditos para 816 mil consumidores (16,3% dos beneficiados por projetos fotovoltaicos no Brasil.) Por conta disso, algumas subestações apresentam inversão de fluxo.

“É importante ressaltar que a Cemig não nega nenhuma solicitação de nova conexão. Mesmo nos circuitos onde ocorre inversão de fluxo, são apresentadas alternativas que possibilitem a conexão da geração solicitada”, complementou a empresa, em nota.

A CPFL também declarou que segue estritamente as normas regulatórias para garantir a segurança dos usuários e oferece todas as informações necessárias para projetos. Já a Neoenergia declarou que não tem processos de conexão de painéis solares com análise pendente na Bahia, em Mato Grosso do Sul e em São Paulo. A empresa reforçou que hoje a geração distribuída é tão grande que gera inversão de fluxo em subestações.

A Aneel informou que clientes que tiverem a conexão recusada podem registrar reclamação na ouvidoria da concessionária ou na própria agência. A autarquia disse ter recebido 11,3 mil queixas relacionadas a serviços de micro e minigeração distribuída em 2024 e outras 16,2 mil no ano anterior, mas não entrou em detalhes. O órgão ressaltou que, antes de decidir pela aquisição dos painéis, é imprescindível que o consumidor solicite um orçamento de conexão junto à distribuidora e tome ciência de eventuais obras necessárias para atender seu projeto.

Em 2024, foram instalados mais de 850 mil sistemas de geração solar no país. Cerca de 1,1 milhão de consumidores passaram a utilizar o excedente de energia gerada como crédito na conta de energia.